

A ABORDAGEM QUALITATIVA NAS PESQUISAS ENVOLVENDO COMUNIDADES TRADICIONAIS PESQUEIRAS

THE QUALITATIVE APPROACH IN RESEARCH INVOLVING TRADITIONAL FISHING COMMUNITIES

*EL ENFOQUE CUALITATIVO EN INVESTIGACIONES QUE IMPLICAN A COMUNIDADES PESQUERAS
TRADICIONALES*

SOUZA, Fabricio Paula de

GREQUE JUNIOR, Leonardo da Silva

BORGES, Jaqueline Rosa

OLIVEIRA JUNIOR, Valdoir Guimarães

FRANZ, Juliana Cristina

RESUMO

A pesca artesanal brasileira tem sido objeto de estudo na Geografia recentemente, focalizando os pescadores artesanais como povos tradicionais e considerando suas características sociais, culturais e territoriais na relação com a natureza. A abordagem qualitativa se destaca ao abordar questões nesse contexto, enfatizando a importância da participação e valorização desses sujeitos no desenvolvimento metodológico da pesquisa. A pesquisa qualitativa, amplamente usada nas ciências sociais e na Geografia, permite a análise de fenômenos que não podem ser quantificados, focando nos valores e significados atribuídos pelos grupos sociais e suas particularidades. Para analisar a contribuição da abordagem qualitativa nas pesquisas em comunidades tradicionais de pescadores, conduziu-se uma revisão de literatura em bibliografias selecionadas em que defende-se o uso de técnicas de pesquisa apropriadas, como o trabalho de campo, a pesquisa participante, as entrevistas, o grupo focal, os mapas mentais, a história oral e a cartografia social. Essas técnicas são relevantes para estudos geográficos envolvendo pescadores artesanais, pois, juntamente com análises qualitativas e culturais, valorizam o caráter plurimetodológico da Geografia, relacionam-se com as lógicas culturais, sociais, históricas e de pertencimento nas comunidades de pescadores tradicionais, e favorecem o reconhecimento e a visibilidade das especificidades dos sujeitos pescadores e pescadoras artesanais e suas relações comunitárias e territoriais.

Palavras-Chave: Pesquisa Qualitativa. Comunidades Tradicionais. Pescadores Artesanais. Geografia.

ABSTRACT

Brazilian artisanal fishing has recently been the subject of study in Geography, focusing on artisanal fishermen as traditional peoples and considering their social, cultural, and territorial characteristics in relation to nature. The qualitative approach stands out in addressing issues in this context, emphasizing the importance of the participation and appreciation of these subjects in the methodological development of research. Qualitative research, widely used in the social sciences and in Geography, allows the analysis of phenomena that cannot be quantified, focusing on the values and meanings attributed by social groups and their peculiarities. To analyze the contribution of the qualitative approach in research on traditional fishing communities, a literature review was conducted on selected bibliographies advocating for the use of appropriate research techniques, such as fieldwork, participatory research, interviews, focus groups, mental maps, oral history, and social cartography. These techniques are relevant for geographical studies involving artisanal fishermen because, together with qualitative and cultural analyses, they emphasize the plurimethodological nature of Geography. They relate to the cultural, social, historical, and belonging logics in traditional fishing communities and promote the recognition and visibility of the specificities of artisanal fishermen and fisherwomen and their community and territorial relationships.

Keywords: Qualitative Research. Traditional Communities. Artisanal Fishermen. Geography.

RESUMEN

La pesca artesanal brasileña ha sido objeto de estudio en Geografía recientemente, centrándose en los pescadores artesanales como pueblos tradicionales y considerando sus características sociales, culturales y territoriales en relación

con la naturaleza. La aproximación cualitativa se destaca al abordar cuestiones en este contexto, enfatizando la importancia de la participación y valorización de estos sujetos en el desarrollo metodológico de la investigación. La investigación cualitativa, ampliamente utilizada en las ciencias sociales y en Geografía, permite el análisis de fenómenos que no pueden cuantificarse, centrándose en los valores y significados atribuidos por los grupos sociales y sus particularidades. Para analizar la contribución del enfoque cualitativo en las investigaciones sobre comunidades tradicionales de pescadores, se llevó a cabo una revisión de literatura en bibliografías seleccionadas en las que se defiende el uso de técnicas de investigación apropiadas, como el trabajo de campo, la investigación participativa, las entrevistas, el grupo focal, los mapas mentales, la historia oral y la cartografía social. Estas técnicas son relevantes para estudios geográficos que involucran a pescadores artesanales porque, junto con análisis cualitativos y culturales, valoran el carácter plurimetodológico de la Geografía. Se relacionan con las lógicas culturales, sociales, históricas y de pertenencia en las comunidades de pescadores tradicionales, y favorecen el reconocimiento y la visibilidad de las especificidades de los sujetos pescadores y pescadoras artesanales y sus relaciones comunitarias y territoriales..

Palabras Clave: Investigación Cualitativa. Comunidades Tradicionales. Pescadores Artesanales. Geografía.

INTRODUÇÃO

A pesca artesanal tem se configurado como objeto de estudo na Geografia brasileira nos últimos anos. Tal temática carrega o compromisso de elucidar questões sociais, ambientais e culturais envolvidas na (r)existência de comunidades tradicionais de pescadores, e seus modos de vida tradicionais na relação com a natureza. Tais comunidades são compreendidas a partir de suas características tradicionais pela manutenção de saberes-fazer e práticas específicas, geralmente mais sustentáveis em relação à natureza, que lhes conferem tal peculiaridade (DIEGUES, 2004).

O conceito de comunidades tradicionais engloba povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos, caiçaras, pescadores artesanais, entre outras organizações comunitárias que se organizam em torno de uma visão tradicional no modo de se relacionar com o território, associadas a modos de produção pré-capitalistas (BRASIL, 2007). As comunidades tradicionais, nesta perspectiva, com ênfase aos pescadores artesanais, são compreendidas enquanto grupos sociais, com peculiaridades de uso e manejo sustentável do/no ambiente, mas também, enquanto culturalmente diferenciados, dada a relação distinta com a natureza, em que se desenvolvem práticas culturais que lhes são próprias, e transmitidas por gerações (DIEGUES, 2004).

Neste artigo buscamos desenvolver algumas proposições sobre a abordagem qualitativa de pesquisa envolvendo comunidades tradicionais de pescadores artesanais nos estudos da Geografia. Partindo da consolidação dos pescadores artesanais enquanto povos tradicionais, e suas peculiaridades sociais, culturais e, sobretudo, territoriais, na relação com a natureza, a abordagem qualitativa emerge como possibilidade para a compreensão geográfica das problemáticas envolvidas nas pesquisas pertinentes à tal temática, e destaca, a relevância da participação e valorização destes sujeitos no seu desenvolvimento metodológico.

A abordagem qualitativa tem sido amplamente utilizada nas ciências sociais, e na Geografia, por possibilitar a qualificação de fenômenos não quantificáveis, e/ou que não se evidenciam pela expressividade numérica, mas sim pelos valores e significados atribuídos pelo grupo social em questão, e suas particularidades. Ao qualificar fenômenos não quantificáveis e romper com leituras reducionistas, a abordagem qualitativa aprofunda entendimentos da vida social, da cultura e do cotidiano, enfatizando os sujeitos, suas opiniões e conhecimentos, inserindo-os na pesquisa.

Posto isto, este artigo é oriundo de discussões desenvolvidas nos grupos de estudos do Núcleo de Análises Urbanas e Culturais, da Universidade Federal do Rio Grande - FURG¹, que tiveram como objetivo analisar a contribuição da abordagem qualitativa envolvendo comunidades tradicionais pesqueiras nos estudos da Geografia. A partir destas discussões, desenvolvemos procedimentos de revisão de literatura em bibliografias selecionadas, em que elencamos técnicas de pesquisa que se evidenciam como adequadas.

Pensando no caráter plurimetodológico da Geografia na contemporaneidade, esta análise debruça-se

¹ Os grupos de estudos estão vinculados ao projeto Vida, Voz e Cor dos Sujeitos(as) da Pesca Artesanal da Lagoa dos Patos/RS 23/2551-0000912-9, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS). Essa pesquisa também recebe apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), através de bolsas de mestrado.

sobre as lógicas culturais, sociais e históricas no contexto das comunidades tradicionais de pescadores, bem como suas estratégias de preservação da biodiversidade e conflitos por território. Neste sentido, apresentamos o trabalho de campo, a pesquisa participante, as entrevistas, o grupo focal, os mapas mentais, a história oral e a cartografia social como procedimentos metodológicos de abordagem qualitativa pertinentes aos estudos da Geografia que venham a envolver pescadores artesanais. Tais técnicas, associadas à análise qualitativa e cultural, se evidenciam como apropriadas, sem entretanto esgotar outras possibilidades metodológicas dentro da vertente qualitativa de pesquisa.

A ABORDAGEM QUALITATIVA DE PESQUISA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS

A pesquisa qualitativa pode ser compreendida como uma abordagem de estudo, utilizada nas ciências humanas e sociais, que integra as áreas do conhecimento que destinam seus estudos aos indivíduos e aos grupos sociais, como psicologia, antropologia, educação, Geografia, e outras. Abrange técnicas que objetivam compreender, em profundidade, os fenômenos sociais, comportamentais e humanos, e os significados que as pessoas atribuem às suas experiências e vivências (GODOY, 1995; HEIDRICH, 2016).

Diferentemente da pesquisa quantitativa, que se concentra na coleta e análise de dados numéricos e estatísticos, em que “o pesquisador conduz seu trabalho a partir de um plano estabelecido a priori, com hipóteses claramente especificadas e variáveis operacionalmente definidas”, a pesquisa de abordagem qualitativa busca captar a complexidade e a riqueza dos aspectos subjetivos e contextuais dos participantes envolvidos no estudo, e “envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos” (GODOY, 1995, p. 58).

Historicamente, segundo Godoy (1995), a abordagem qualitativa se consolida por ser central nas áreas das ciências sociais, dado os objetos de estudo, e em contraposição à hegemonia do método científico tradicionalmente quantitativo, sendo apropriada nos estudos de diversas áreas, constituindo, na atualidade, “uma grande diversidade de métodos de trabalho, estilos de análise e a apresentação de resultados e diferentes considerações quanto aos sujeitos” (GODOY, 1995, p. 60).

A separação entre quantidade e qualidade, nesta percepção, não reside limitadamente à questão de operacionalidade da pesquisa e dos tipos de dados que serão levantados, mas, sobretudo, na forma de abordar tais dados e validá-los, enquanto reveladores da realidade social estudada. Esclarecendo um pouco mais, tem-se a crítica da dicotomia, entre a quantidade e qualidade, da ciência moderna, por Demo (1998, p. 92),

Todo fenômeno qualitativo, pelo fato de ser histórico, existe em contexto também material, temporal, espacial. E todo fenômeno histórico quantitativo, se envolver o ser humano, também contém a dimensão qualitativa. Assim, o reino da pura quantidade ou da pura qualidade é ficção conceitual.

E, por conseguinte, o esforço de pensar a abordagem qualitativa da pesquisa se torna necessário para que se tenha clareza quanto à construção do conhecimento, em constante tensão ao paradigma dominante, e a emergência de um novo (SOUSA SANTOS, 2008). Para Sousa Santos (2008, p. 32), o conhecimento científico embasado no paradigma dominante, da modernidade, do método único, da lógica matemática, fecha as portas “a muitos outros saberes do mundo”. Para superar as desigualdades epistemológicas, este autor propõe uma abordagem pluriversal, na qual diferentes formas de conhecimento são valorizadas e reconhecidas em pé de igualdade, e defende a necessidade de diálogo intercultural e interdisciplinar, abrindo espaço para que os saberes tradicionais e indígenas sejam incorporados ao debate científico e à produção do conhecimento.

Desta forma, ao buscar novas interpretações, tal abordagem se aproxima de análises interpretativas, participativas, evitando reducionismos. Nesta perspectiva, a abordagem qualitativa se encontra com as especificidades dos sujeitos pesquisados no contexto de comunidades tradicionais de pescadores artesanais. Observando as invisibilidades de suas percepções, opiniões, conhecimentos tradicionais, histórias de vida, e

suas configurações territoriais, busca-se a qualificação das pesquisas a respeito de suas especificidades, com direito à participação destes nos movimentos da pesquisa, e em detrimento a métodos e técnicas que desagregam tal olhar crítico.

A ABORDAGEM QUALITATIVA NAS PESQUISAS EM COMUNIDADES TRADICIONAIS NA GEOGRAFIA

Por muito tempo, a abordagem qualitativa esteve fora do centro dos estudos da Geografia. Dada a complexidade do objeto da Geografia (o espaço geográfico), e os métodos que a influenciam desde sua origem, 'aoesta tardou em abrir-se para as leituras qualitativas. Ao longo do século XX, a Geografia brasileira passou por diversas correntes e escolas, abraçando abordagens regionais e ambientais, entre outras, que por muito privilegiaram os estudos quantitativos. A disciplina evoluiu significativamente, contribuindo para o entendimento das complexidades geográficas do Brasil, como a questão agrária, o desenvolvimento urbano e as questões ambientais, moldando o pensamento geográfico no contexto nacional e internacional, e abrindo-se para novas perspectivas (SUERTEGARAY, 2005).

No que concerne à leitura da Geografia sobre a pesca artesanal, convém destacar a pluralidade metodológica e conceitual, com privilégio de leituras críticas (DE PAULA, 2023). Para este autor "a visibilidade desses novos sujeitos acompanha um movimento de renovação que vai além da Geografia brasileira." que também "[...] decorre da iminência de uma crise ambiental, que aponta os limites do conhecimento científico [...] em que "a visibilidade desses sujeitos, entendidos como comunidades tradicionais, assim como os povos indígenas, também decorre de um movimento de contestação promovido pelas ciências humanas" (DE PAULA, 2023, p. 51).

Nesta defesa, a inserção de sujeitos invisibilizados anteriormente nas pesquisas emerge na contestação, pela compreensão de suas especificidades, sobretudo, as espacialidades, os territórios tradicionais e os conflitos ambientais presentes nos contextos de comunidades tradicionais de pescadores artesanais (DE PAULA, 2023).

E observando os movimentos do pensamento geográfico, entende-se, com base em Suertegaray (2005) que, contemporaneamente, a Geografia volta-se a

[...] refletir sobre os espaços únicos e/ou diferenciados e seus significados. Resgata-se a leitura dos clássicos e visualizam-se em métodos do passado elementos da busca do moderno. O qualitativo assume o centro da análise, o interesse é o homem e as mulheres na dimensão de vida cotidiana (SUERTEGARAY, 2005, p. 32).

Nesta concepção, são questionadas "as verdades eternas e universais" com a abertura a uma ciência que "valoriza a pluralidade do poder discursivo, o jogo de linguagem onde cada um ou cada grupo pode gerar, a partir de seu lugar, distintos códigos e sentidos" (SUERTEGARAY, 2005, p.34). Desta forma,

Abrem-se com esta perspectiva novos campos à Geografia, estes são expressos pela Geografia dos lugares dos homens e mulheres (que vivem este momento), a Geografia das percepções e/ou das representações, a Geografia das manifestações culturais derivadas da expressão das diferenças, das identidades, das territorialidades (SUERTEGARAY, 2005, p.34).

Neste contexto, para De Paula (2023, p. 47), os estudos da Geografia sobre a pesca artesanal, ou mesmo, as Geografias da pesca artesanal no Brasil, "oferecem possibilidades de elaboração para explicar o processo de apropriação do Espaço Geográfico pelos sujeitos sociais", o autor segue, "Isso envolve a compreensão das significações que os grupos atribuem ao espaço por meio de sua cultura, bem como os usos que permitem a reprodução social desses grupos", e se instalam sob a perspectiva da ameaça iminente da ruptura de suas lógicas comunitárias, e do avanço da expropriação de seus espaços de referência para suas existências, em seus aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos.

Assim sendo, algumas técnicas de pesquisa com abordagem qualitativa se destacam para o caráter político que assume a Geografia nos estudos de tais comunidades tradicionais. Mesmo envolvidos com

discussões voltadas às lógicas culturais, os produtos alcançados nestes estudos promovem a visibilidade e o reconhecimento dos pescadores artesanais como sujeitos de direitos sociais, de direitos ao território tradicional e suas dimensões. Para tanto, destas Geografias emergem novos mapeamentos, novas compreensões, novas cartografias, com destaque ao uso de trabalho de campo de forma participativa nas comunidades, com uso de entrevistas, grupos focais, mapas mentais, história oral e cartografia social, centradas no reconhecimento destes sujeitos.

Diversas pesquisas têm sido desenvolvidas a partir de abordagem qualitativa e das técnicas destacadas. O projeto Vida, Voz e Cor dos Sujeitos da Pesca Artesanal da Lagoa dos Patos/RS, neste sentido, é uma das pesquisas em construção pelos autores deste artigo que centra-se na compreensão e interpretação de manifestações culturais associadas à pesca artesanal a partir da metodologia de história oral, trabalho de campo e entrevistas e, para além deste projeto, os autores têm desenvolvido também suas pesquisas de mestrado com tal enfoque.

TRABALHO DE CAMPO E A PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

O trabalho de campo é um procedimento de análise importante na investigação científica de abordagem qualitativa, por evidenciar no ato de pesquisar a preocupação do sujeito que pesquisa em inserir-se na realidade que estuda, sendo a participação do pesquisador no cotidiano dos grupos sociais, e a participação dos sujeitos no processo de pesquisa, se tornando etapa essencial da pesquisa para elucidar questões e para obter detalhamento dos fenômenos sociais envolvidos de forma crítica.

De acordo com Brandão (2006, p.10) "Homens e mulheres de comunidades populares são vistos como sujeitos cuja presença ativa e crítica atribui sentido à pesquisa participante". Essa abordagem de pesquisa na Geografia exerce a função de grafar territórios, subsidiar outros processos, revelar contradições e criar novas consciências do mundo. Para Suertegaray (2017, p. 66),

Neste caso, a pesquisa de campo constitui para o geógrafo um ato de observação da realidade do outro, interpretada pela lente do sujeito na relação com o outro sujeito. Esta interpretação resulta de seu engajamento com o objeto de investigação. Sua construção geográfica resulta de suas práticas sociais.

Assim, no trabalho de campo, as informações, interpretações, os diálogos e percepções alcançadas resultam na coleção de registros escritos que possibilitam análises qualitativas acerca da realidade estudada (HEIDRICH, 2016).

Neste sentido, Brandão (2006, p.10), define por pesquisa participante, as pesquisas que enquadram-se em duas dimensões, apresentadas por ele: uma diz respeito a participação ativa dos sujeitos, em que "Homens e mulheres de comunidades populares são vistos como sujeitos cuja presença ativa e crítica atribui sentido à pesquisa participante". E, uma outra, dada pela articulação com movimentos sociais como no acompanhamento de Centros Comunitários e organizações de luta, onde "ela própria se inscreve no fluxo das ações sociais populares" (BRANDÃO, 2006, p.10).

Portanto, reconhecemos que o trabalho de campo é uma das técnicas fundamentais ao lidar com comunidades pesqueiras tradicionais, já que essa abordagem possibilita uma conexão entre marco teórico-metodológico e a realidade empírica (MINAYO, 2009). Assim, a inserção para o conhecimento de cada realidade é realizada in loco, no próprio local onde os fenômenos ocorrem e se manifestam, possibilitando ao pesquisador um contato direto com a realidade da pesquisa.

A relação estabelecida entre os pesquisadores e a comunidade pesquisada é construída por meio da confiabilidade, que no início do trabalho é frágil e pequena, jogo de cintura é necessário, o campo flui bem a partir do momento em que temos a capacidade de sentir através das famílias de pescadores e, não através de nós. O trabalho de campo é subjetivo também para o pesquisador, pois cada pesquisador é capaz de trilhar sua pesquisa, sendo importante trabalhar no campo o tempo todo, revendo o material coletado (BRANDÃO, 2006).

A presença física dos pesquisadores na comunidade demonstra interesse genuíno e respeito pelas tradições locais, e um posicionamento ético no contato com o outro, deixando claro os limites e contribuições da pesquisa, bem como de devolver resultados aos sujeitos que contribuem. Isso pode resultar em maior participação da comunidade na pesquisa e na validação dos resultados, garantindo que a pesquisa seja mais representativa e significativa (BRANDÃO, 2006).

Assim, o trabalho de campo, associado à pesquisa participante e outras técnicas, permite aos pesquisadores uma imersão direta na vida cotidiana das comunidades pesqueiras, possibilitando uma compreensão mais profunda destas realidades. O envolvimento direto com os membros da comunidade durante o trabalho de campo cria uma relação de confiança e respeito mútuo, fundamental para a obtenção de permissão para conduzir a pesquisa e para obter insights precisos e sinceros dos participantes, com destaque ao procedimento de entrevistas.

As pesquisas de mestrado de Jaqueline Rosa Borges, sobre a transgeracionalidade dos saberes-fazeres da pesca artesanal na Ilha da Torotama, Rio Grande/RS, e de Fabrício Paula de Souza, sobre as identidades territoriais da pesca artesanal de São José do Norte/RS, são exemplos de pesquisas em andamento que estão utilizando o trabalho de campo. Ao buscar os significados e manifestações culturais, resgatar o simbólico e aprofundar a dimensão do cotidiano destes sujeitos, torna-se indispensável a participação ativa dos sujeitos envolvidos, proporcionada pela presença física do pesquisador nestas comunidades e o registro dos diálogos e observações desenvolvidas em campo. Na mesma direção, a pesquisa de mestrado de Euzébio (2018), na Baía de Sepetiba/RJ, estabelece a contribuição do trabalho de campo na condução da pesquisa e no processo investigativo da realidade estudada, focalizando a produção social do espaço e suas dinâmicas. Em ambos os casos citados, o uso de entrevistas esteve associado.

A METODOLOGIA DE ENTREVISTAS E A IMPORTÂNCIA DE OUVIR OS PARTICIPANTES

Notoriamente, a técnica mais popular na coleta de dados discursivos nas pesquisas qualitativas, e em campo, é a entrevista, em suas diversas configurações estruturais. Cabe a nós compreender as características que tal técnica pode assumir e os caminhos possíveis na elaboração e emprego desta, sobretudo nas pesquisas com comunidades tradicionais. As entrevistas colocam-se como uma ferramenta basilar para as investigações sociais, permitindo obter dados sobre os diversos aspectos da vida humana. As informações coletadas podem ser classificadas e quantificadas, possibilitando maiores interpretações e facilitando a comunicação (TRIVIÑOS, 1987).

Desta forma, esta técnica é muito flexível e seu emprego está suscetível aos objetivos que a pesquisa apresenta, cabendo ao pesquisador decidir os caminhos aos quais opta em seguir. As entrevistas podem ser configurar em estruturadas, semiestruturadas, abertas e projetivas. No formato estruturado ou fechado, realiza-se a partir de um questionário de redação e ordem fixa, possibilitando um tratamento quantitativo quando necessário. Já nas entrevistas semiestruturadas, parte-se de um roteiro com perguntas fechadas e abertas, possibilitando que outros questionamentos possam ser elaborados no decorrer das entrevistas. Enquanto que as entrevistas de caráter aberto, não há a necessidade da adoção de um roteiro, pois nesta abordagem o entrevistado e o entrevistador tem bastante liberdade para discorrer e perguntar sobre o tema proposto. Ainda, existe a possibilidade do emprego da técnica no formato projetivo, onde o entrevistado é convidado a interpretar elementos textuais (imagens, filmes, fotos, poesias e etc.) e posteriormente é questionado sobre suas interpretações e posições (TRIVIÑOS, 1987; LIMA; MOREIRA, 2016).

Cabe salientar que quanto mais aberta for a estrutura das entrevistas maior será a espontaneidade das respostas coletadas, neste caso demandando maiores habilidades e preparação do pesquisador para não perder o foco no tema de interesse da pesquisa. Assim esta técnica configura-se como uma das mais democráticas no hall das técnicas qualitativas pois permite que diferentes sujeitos sejam acessados, colocando-se como adequada para as investigações que objetivam compreender características e

especificidades das comunidades tradicionais de pescadores. Resultando em dados escritos, que por vezes, podem ser vinculados às bases teórico-metodológicas do pesquisador, e em diálogo com as especificidades do local pesquisado e apontar para respostas na pesquisa.

CONSTRUINDO O CONHECIMENTO EM COLETIVO: A DINÂMICA DOS GRUPOS FOCAIS

As pesquisas que têm como objeto de análise as entrevistas são eficientes na coleta de dados discursivas, mas esbarra-se no limite da relação entrevistado-pesquisador. Rompendo com essa barreira e possibilitando o alcance de percepções coletivas sobre um determinado tema surge a técnica de Grupo Focal (GF), uma técnica de pesquisa qualitativa para compreender as concepções e percepções dos participantes sobre um tema específico, de forma discursiva, por meio da exposição de seus pontos de vista, conduzida por um moderador, que preza pelo equilíbrio nas falas e foco na direção do tema proposto, com participação coletiva (ALMEIDA, LIMA, 2016).

No entanto, destacam-se alguns elementos que necessitam da atenção dos pesquisadores ao utilizar tal técnica. Como trata-se de grupos de pessoas que discutem um mesmo tema, a figura do mediador é fundamental para que haja uma fluidez nas discussões, até mesmo quando houver divergência nas percepções dos participantes, ainda, o mediador deve garantir que todos tenham a oportunidade de se expressar e manter o foco na dinâmica e nas discussões propostas. A definição dos participantes dos GFs deve seguir os interesses e objetivos da pesquisa, mas indica-se que aos que escolherem esta técnica, optem por grupos de até 12 pessoas para garantir a factibilidade da gerência dos GFs, de acordo com Dias (2018, p.3), “o número de pessoas deve ser tal que estimule a participação e a interação de todos, de forma relativamente ordenada”.

Desta forma, a principal potencialidade da utilização dos Grupos Focais em pesquisas qualitativas é justamente a interação e formulação de compreensões baseadas nos discursos dos demais participantes. Assim é possível apreender as percepções dos participantes já refletidas no que foi exposto anteriormente, estabelecendo debates a respeito do tema proposto. Logo, a utilização desta técnica para investigar os modos de vida tradicionais dos pescadores e pescadoras artesanais configura-se como uma opção adequada, visto que o ser pescador artesanal se faz em comunidade, dividindo e construindo experiências que são eminentemente coletivas.

De Paula (2013) expõe a utilização do grupo focal na construção da pesquisa com a pesca artesanal. No caso da pesquisa de De Paula (2013), focalizou-se na gestão compartilhada dos territórios da pesca artesanal no Delta do Jacuí/RS. A partir do diálogo de saberes e da dialógica, o autor utiliza a metodologia de grupo focal para revelar consensos, dissensos e rupturas entre os atores envolvidos na problemática, atingindo a compreensão dos conflitos que se estabelecem nesses espaços e a potencialidade da organização comunitária para uma gestão compartilhada do território pesqueiro.

O POTENCIAL DA HISTÓRIA ORAL NA PESQUISA QUALITATIVA

Conforme destacado anteriormente, a dimensão qualitativa está intrínseca aos estudos que envolvem populações tradicionais, sobretudo, ao resgatar histórias, memórias, discursos e questões sociais, neste sentido, emerge a técnica de história oral como uma ferramenta de pesquisa de abordagem qualitativa adequada ao contexto pesqueiro. Tal técnica visa ouvir e registrar vozes de sujeitos excluídos da história oficial e inseri-los dentro dela. Thompsom (1998, p.337) sintetiza, “a história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E ao lhes dar um passado, ajuda-as também a caminhar para um futuro construído por elas mesmas”.

A metodologia da história oral permite através de uma narrativa do passado dar voz ao sujeito muitas vezes invisibilizado. E neste contexto, os pescadores e pescadoras artesanais, que constantemente encontram-se aquém das políticas públicas e são negligenciados pelo Estado, retomam o centro de construção da narrativa, obtendo visibilidade.

De acordo com Meihy (2000, p. 29), a história oral,

[...] é um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e que continuam com a definição de um grupo de pessoas (ou colônia) a serem entrevistadas, com o planejamento da condução das gravações, com a transcrição para o uso, arquivamento e, sempre que possível, com a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas.

A partir desta metodologia, destaca-se o papel político da pesquisa qualitativa por intermédio da história oral, em que se reforça a valorização dos sujeitos envolvidos, o respeito com suas histórias, memórias e vivências, a preocupação com devolutivas dos resultados do estudo. Thompson (1992, p. 137), afirma que "A evidência oral, transformando os 'objetos' de estudo em 'sujeitos', contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira".

Embora os autores não definam o uso da técnica exclusivamente para a história de vida dos pescadores artesanais e suas comunidades tradicionais, esta emerge como potencialidade para ampliar as compreensões acerca de tais elementos, com destaque a dimensão da história, da tradicionalidade e dos saberes-fazeres da pesca artesanal (DIEGUES, 2004).

O artigo de Ferreira (2012) é um exemplo deste encadeamento, que apresenta a discussão da pesca artesanal a partir da metodologia de história oral. Neste estudo, desenvolveu-se a metodologia de história oral com pescadores artesanais de Arraial do Cabo/RJ, e os resultados apresentaram a riqueza cultural a partir das narrativas e falas dos sujeitos que contribuíram com a pesquisa. Ferreira (2012), a partir deste estudo, exemplifica como a metodologia supracitada foi importante em valorizar essas histórias, ao mesmo tempo em que trouxe à guisa diversas compreensões da vivência cotidiana desses pescadores e sua organização sócio-cultural.

A PESQUISA QUALITATIVA ATRAVÉS DE MAPAS MENTAIS

Os mapas mentais surgem como técnica de pesquisa, de abordagem qualitativa, que resgata de forma mais aprofundada a escala do indivíduo, na relação com a coletividade. A proposta de mapas mentais emerge como uma perspectiva de abarcar o mundo cultural não apenas como uma soma de objetos, mas como uma forma de linguagem em que os valores, atitudes e vivências passam a ser entendidas como mapas mentais (KOZEL, 2007).

Kozel (2007) afirma que os mapas mentais podem ser compreendidos como uma forma de linguagem que reflete o espaço vivido e representado a partir das experiências, o que entra em consonância com o pensamento de Bakhtin (1986), que afirma que todo sistema de representação é constituído por um dialogismo, uma vez que o significado só existe dentro de um contexto que lhe dá sentido. No contexto geográfico e cultural, Cosgrove (1999) apud Kozel (2007) destaca que os mapas são concebidos não como produtos, mas como processos socioculturais que são capazes de desencadear outros mapeamentos, maneiras de ver e representações do mundo físico, social e imaginário, assim, o autor destaca que um mapa nunca é um artefato isolado, já que está inserido num processo cultural mais abrangente e complexo, provocando ações ou estimulando outros mapeamentos.

Oliveira (1999) destaca que as representações espaciais devem ser abordadas e construídas a partir de um ângulo que permita explicar a percepção e a representação geográfica como parte de um conjunto maior, que é o próprio pensamento do sujeito. Assim, os espaços representados a partir de um mapa mental são capazes de caracterizar e significar a forma com que os pescadores e pescadoras artesanais se relacionam com o meio que estão inseridos, a partir dos elementos que fazem parte do seu modo de vida e do seu cotidiano. Deste modo, Kozel (2007, p.121) salienta que a representação e a construção dos mapas mentais não existem dissociadas do processo de leitura que cada sujeito faz do mundo, uma vez que a leitura é "proveniente da cognição associada à bagagem cultural (experiências, valores, informações etc.)".

Nesse sentido, os mapas mentais representam o mundo real visto através de um olhar particular, passando por uma visão de mundo única resultante de um somatório de conhecimentos, saberes e da

realidade na qual o sujeito está inserido. As representações, segundo Kozel (2007), nessa perspectiva, assumem um caráter de “Cartografia Cultural”, incorporando aspectos da Geografia humanista-cultural e estabelecendo ligações com a percepção/cognição, apoiada na teoria linguística Bakhtiniana.

A metodologia de mapas mentais é uma ferramenta relevante em pesquisas envolvendo comunidades tradicionais, que se configuram por conhecimentos tradicionais específicos, visões de mundo únicas e sua profunda conexão com seu ambiente e cultura, incluindo particularidades no modo de ver e representar. Nesse contexto, o uso de mapas mentais pode fornecer vantagens ao possibilitar uma aproximação com as maneiras de pensar, agir e comunicar a partir de suas cosmovisões e suas representações, próprias aos pescadores artesanais.

Para exemplificar a potencialidade da metodologia dos mapas mentais em identificar as diferentes representações espaciais que os pescadores artesanais constituem sobre seus territórios, pode-se citar a pesquisa de Dorsa (2015), desenvolvida em Florianópolis/SC, especialmente com os pescadores de Pântano do Sul. Nesta dissertação de mestrado, o procedimento de cartografia a partir das vivências cotidianas desses sujeitos resultam em um conjunto de mapas mentais que evidenciam distintas representações, impregnadas de valores simbólicos e especificidades do universo simbólico daquele referido grupo de pescadores artesanais. Além disso, a pesquisa de Dorsa (2015) também suscita a relevância deste trabalho pela realização de oficinas e de atividades coletivas que mobilizam o senso de pertencimento cultural.

O MAPEAMENTO A PARTIR DA CARTOGRAFIA SOCIAL

O mapa é uma abstração do mundo, desenvolvida a partir de um ponto de vista. Os mapas evoluíram ao longo do descobrimento de mecanismos de representação cartográficas mais elaborados, como sistemas de coordenadas e projeções, tornando-se um dispositivo disponível aos atores detentores de tais conhecimentos, proporcionando-lhes a possibilidade de organizar e representar o mundo cartograficamente. “As representações do território passaram a recortar o real para descrevê-lo, defini-lo e, simbolicamente, possuí-lo” (ACSELRAD, COLI 2006, p.14).

Os autores Acselrad e Coli (2006) alertam para as implicações políticas das representações imagéticas dos territórios. Para eles, disputar a cartografia é também disputar o território. Eles afirmam que,

[...] se ação política diz especificamente respeito à divisão do mundo social, podemos considerar que na política dos mapeamentos estabelece-se uma disputa entre distintas representações do espaço, ou seja, uma disputa cartográfica que articula-se às próprias disputas territoriais (ACSELRAD, COLI 2006, p.14).

Assim a cartografia social, enquanto instrumento de mapeamento comunitário, e participativo, diz respeito às técnicas de levantamento do uso da terra e das fronteiras de seus domínios, “que reconhece o conhecimento espacial e ambiental de populações locais e os insere em modelos mais convencionais de conhecimento” (ACSELRAD, COLI 2006, p.15).

Para as cartografias participativas, podem ser empregados diversas técnicas de produção cartográficas, desde as mais autônomas, como representações em imagens livres, desenhadas e pintadas pelos próprios membros da comunidade, usando as malhas e contornos dos limites físicos do país, até mais complexas, como no uso de dispositivos de posicionamento global, como o GPS.

A cartografia social emerge como metodologia de mapeamento que possibilita a participação ativa dos sujeitos, e vai além dos mapas convencionais, incorporando dados qualitativos e subjetivos, coletados por meio de pesquisa de campo, entrevistas, observação participante, grupos focais, história oral e etc. A cartografia social se coloca como uma ferramenta valiosa para a compreensão das dinâmicas sociais, culturais e políticas em um determinado território, e pode ser usada para identificar desigualdades, conflitos territoriais, e para apoiar a tomada de decisões mais inclusivas e justas, desempenhando um papel central na promoção da conscientização e na busca por soluções para problemas sociais e espaciais, com destaque a dimensão territorial que é intrínseca à realidade das comunidades tradicionais de pescadores.

Os estudos de Mendes, Gorayeb e Brannstrom (2015), acerca da comunidade da Praia de Xavier,

localizada em Camocim, Ceará, é um exemplo do uso de mapeamento participativo de técnicas de cartografia social em pesquisas envolvendo comunidades tradicionais. Neste artigo, os autores apresentam que, a partir das técnicas de mapeamento participativo e cartografia social, foi possível que os sujeitos expressassem e mapeassem os impactos de grandes empreendimentos em seus territórios, e a degradação socioambiental em contraste com os usos tradicionais destes espaços, possibilitando uma compreensão de tais problemáticas a partir do ponto de vista dos sujeitos impactados por elas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relevância da abordagem qualitativa nos estudos da Geografia está intimamente vinculada ao olhar que se propõe empregar. Com um enfoque especial nas comunidades tradicionais de pescadores artesanais, as técnicas de pesquisa qualitativa, como trabalho de campo e pesquisa participante, entrevistas, grupos focais, mapas mentais, história oral e cartografia social, identificam um caráter político e contestador potencializado por abordagens qualitativas.

A abordagem qualitativa nos estudos da Geografia institui-se enquanto uma ferramenta poderosa para compreender as complexas realidades das comunidades tradicionais de pescadores ao possibilitar uma imersão nas experiências, memórias e perspectivas dos pescadores, e por buscar compreensões mais sensíveis e próximas do contexto social, cultural e ambiental em que operam, sob o olhar dos sujeitos imersos naquela realidade, e suas espacialidades.

As técnicas de pesquisa discutidas fornecem um conjunto diversificado de ferramentas para a investigação científica, cada uma com suas vantagens específicas e limitações. O trabalho de campo e a pesquisa participativa possibilitam uma colaboração mais estreita com as comunidades, permitindo que os pescadores sejam participantes ativos na pesquisa, enquanto as entrevistas, grupos focais, mapas mentais, história oral e cartografia social direcionam-se a compreender e interpretar nuances importantes nas narrativas, mapear as relações espaciais e territoriais dentro dessas comunidades.

As técnicas e abordagem destacadas se anunciam como possibilidades da investigação qualitativa e podem ser utilizadas em pesquisas envolvendo comunidades tradicionais de pescadores para o levantamento de informações. Ressalta-se a dificuldade de associar todas elas em um único estudo, haja vista a seleção de caminhos que melhor se aproximam aos objetivos de cada estudo e as limitações em tempo e recursos, mas que, no entanto, podem ser combinadas para constituir diferentes fontes de dados acerca da realidade estudada, que resultam no movimento de cartografar e compreender as vivências e cotidianidades dos pescadores artesanais.

Por fim, é válido ressaltar que a abordagem qualitativa e as técnicas destacadas, mesmo caracterizando lócus de contribuição para o conhecimento científico de forma participativa, também esbarram em algumas limitações, em que pode-se citar as dificuldades de inserção na realidade estudada e o interesse de colaboração dos sujeitos, bem como, a centralidade do viés interpretativo do pesquisador e os alcances das técnicas limitadas ao discurso dos sujeitos que participam. Enquanto mecanismo de levantamento de dados participativos, reforça-se a indispensável etapa de retorno às comunidades estudadas para a apresentação dos resultados das pesquisas, fortalecendo o laço de confiança entre os conhecimentos sistematizados da ciência, e os conhecimentos vividos pelos sujeitos em seus cotidianos.

Sendo assim, a relevância dos estudos qualitativos da Geografia em comunidades tradicionais pesqueiras se vinculam ao seu potencial participativo, realçado pela escuta, pelo respeito, pela relação de confiança entre os sujeitos que pesquisam e que são pesquisados, além da possibilidade de oferecer retornos positivos para esses grupos sociais. Este artigo, com intuito de apresentar metodologias alternativas para tais estudos, e sem o objetivo de esgotar tais discussões, reforça que os procedimentos metodológicos qualitativos em pesquisas que envolvam comunidades tradicionais devem receber atenção, em vista da multiplicidade de técnicas e resultados possíveis.

REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, H. COLI, L. R. Disputas cartográficas e disputas territoriais. In: ACSELRAD, H. (org). **Cartografias sociais e território**. Rio de Janeiro: UFRJ, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2008, p. 13-44.
- ALMEIDA, R. LIMA, M. Introdução aos métodos quantitativos em Ciências Sociais. In: ALONSO, A.; JÚNIOR, J. S.; BRITO, M. M. A.; GHEZZI, D.R.; TORINO, D.; COELHO, V. S. R. P.; MIRANDA, D.S. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Quantitativo**. São Paulo - SP: CEBRAP, 2016. p. 10-31. In: ALONSO, A.; JÚNIOR, J. S.; BRITO, M. M. A.; GHEZZI, D.R.; MIRANDA, D.S.; LIMA, M. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Qualitativo**. São Paulo - SP: CEBRAP, 2016. p. 42-59.
- BAKHTIN, M. (Voloshinov, V). **Marxismo e filosofia da linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 3 ed. São Paulo: HUCITEC, 1986.
- BRANDÃO, C.R. A pesquisa participante e a participação da pesquisa. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, D. R. (Orgs.): **Pesquisa participante: a partilha do saber**. São Paulo: Idéias e Letras, 2006, p. 22-54.
- BRASIL. **Lei nº 6.040/2007, de 07 de fevereiro de 2007**. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Poder Executivo, Brasília, DF, 8 fev. 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm Acesso em: 10 out. 2017.
- DEMO, P. Pesquisa qualitativa. Busca de equilíbrio entre forma e conteúdo. **Rev.Latino-Am.Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 89-104, abr. 1998.
- DIAS, C. A. Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 12, n. 2, p. 203-215, jul./dez. 2018.
- DORSA, A. R. **O mundo é o mar**: pescadores tradicionais e seus mapas mentais Armação do Pântano do Sul, Florianópolis-SC. 2015. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Florianópolis, 2015.
- PAULA, Cristiano Quaresma de. **Gestão compartilhada dos territórios da pesca artesanal**: fórum Delta do Jacuí (RS). 2013. 129f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2013.
- DE PAULA, C. O. **Geografia(s) da Pesca Artesanal Brasileira**. Porto Alegre: Compasso, 1ª Ed, 2023.
- DIEGUES, A. C. **A pesca construindo sociedades**: leituras em antropologia marítima e pesqueira. NUPAUB-USP, 2004.
- EUZEBIO, Rodrigo Corrêa. **O lugar do saber-fazer dos pescadores artesanais e a institucionalidade da atividade pesqueira**: uma análise sobre as artes de pesca artesanal e o fenômeno técnico na produção social do espaço da Baía de Sepetiba (RJ). 2018. 138f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2018.
- GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.
- HEIDRICH, A. L. "Método e metodologias nas pesquisas das geografias com cultura e sociedade", In: HEIDRICH, A. L. ; PIRES, C. L. Z. (Orgs.) **Abordagens e práticas da pesquisa em geografia e saberes sobre espaço e cultura**. Porto Alegre: Letra 1, 2016, p. 15-33
- KOZEL, S. Mapas mentais – uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. In: KOZEL, S.; COSTA, J.; GIL FILHO, S. F. (orgs.). **Da percepção e cognição à representação**: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Imagem; Curitiba: NEER, 2007.
- LIMA, M. do S. B.; MOREIRA, É. V. A pesquisa qualitativa em geografia. **Caderno Prudentino de Geografia**,

Presidente Prudente, n.37, v.2, p.27-55, ago./dez. 2015.

FERREIRA, M. A. G. Eu tirava conclusão de uma nuvem pra outra: Uma reflexão sobre histórias, saberes e culturas da pesca artesanal em Arraial do Cabo. **História Oral**, [S. l.], v. 15, n. 1, 2012. DOI: 10.51880/ho.v15i1.240. Disponível em: <https://www.revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/240>. Acesso em: 12 jan. 2024.

MEIHY, J. C. S. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2000.

MENDES, J. S.; GORAYEB, A.; BRANNSTROM, C. Diagnóstico participativo e cartografia social aplicados aos estudos de impactos das usinas eólicas no litoral do Ceará: o caso da Praia de Xavier, Camocim. **Geosaberes: Revista de Estudos Geoeducacionais**, v. 6, n. 3, p. 243-245, 2015.

MINAYO, M. C. de S. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta In. MINAYO, M. C. de S.; DESLANDES, S. F. GOMES, R. (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

OLIVEIRA, L. Percepção e Representação do Espaço Geográfico. In: DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. (orgs.) **Percepção ambiental - a experiência brasileira**. São Paulo: UFSCar, 1999.

SOUZA SANTOS, B. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 5. ed. 2008.

SUERTEGARAY, D. M. A. Notas Sobre Epistemologia da Geografia. **Cadernos Geográficos**, Nº 25, 2005.

SUERTEGARAY, D. M. A. Trabalho de Campos e Geografia. In. **(Re)ligar a Geografia Natureza e Sociedade**. Porto Alegre: Compasso Lugar-Cultura, 2017.

THOMPSON, P. **A voz do passado**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.